



SPONG, John Shelby. **Um novo cristianismo para um novo mundo:** a fé além dos dogmas. Tradução de Anthea Paterson. Campinas: Verus, 2006. 274p.

Valmor da Silva*

O autor John Shelby Spong nasceu na Carolina do Norte, em 1931, e foi bispo episcopal anglicano em Newark, Estados Unidos, de 1979 a 2000, ano em que se aposentou. Conferencista de renome internacional, é conhecidíssimo sobretudo nos países de fala inglesa. Figura popular, participou de programas televisivos de sucesso, como *60 Minutes*; *Good Morning, America*; *Fox News Live* e *Extra*.

Autor de sucesso, tem mais de 20 livros publicados. Teólogo ousado, tornou-se porta-voz do cristianismo liberal, renovado e pós-moderno. Em que pese sua popularidade mundial, Spong é pouco lido no Brasil. Este livro "Um novo cristianismo para um novo mundo" é, até o presente, seu único livro traduzido no Brasil. A publicação em português, de 2006, não teve uma segunda edição, salvo informação mais segura.

Portanto, o fato de ter sido o único livro traduzido no Brasil ensejou a opção pela escolha desta resenha. Pesou também, além disso, o fato de o autor ter anunciado este livro como "provavelmente a última obra teológica de minha

Resenha recebida em 24 de outubro de 2014 e aprovada em 28 de outubro de 2014.

* Doutor em Ciências da Religião. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: lesil@terra.com.br

carreira” (p. 20). Embora o autor tenha escrito, posteriormente, mais meia dúzia de livros, este permanece como uma espécie de balanço geral de seu pensamento.

O título original foi traduzido literalmente *A New Christianity for a New World*. Já o subtítulo *Why Traditional Faith Is Dying and How a New Faith is Born*, soaria, originalmente, da seguinte maneira “Por que a fé tradicional está morrendo e um nova fé está nascendo”. A oportunidade que deu origem concreta ao livro foram conferências proferidas em Harvard, como palestrante, no ano 2000 (p. 19). A edição original do livro é de 2002.

Passamos a uma apresentação da obra em resumo, para tomar conhecimento de toda a sua abrangência. O livro compõe-se de um prefácio e catorze capítulos, numa sequência muito bem articulada, como se pode observar a seguir.

No Prefácio “Origens deste livro: de honestos com Deus a por que o Cristianismo tem de mudar ou morrer” Spong propõe-se a realizar duas tarefas. “A primeira é dar continuidade ao trabalho iniciado no século passado por meu mestre e amigo John Arthur Thomas Robinson” (p. 9). A esse seu mentor, o autor atribui 50% do livro (p. 12). “A segunda é complementar a lacuna em minha própria carreira que veio à tona com as respostas ao meu livro ‘Por que o Cristianismo deve mudar ou morrer’” (p. 9). Publicado em 1998, esse livro provocou milhares de respostas de leitores, com a novidade de serem, em sua maioria, numa proporção de três por uma, respostas positivas, e de virem, cerca de noventa por cento, de pessoas leigas. A realidade demonstra que a maioria das respostas positivas provém de pessoas que vivem à margem da Igreja.

I. “Um ponto de partida: O antigo já passou; o novo ainda não começou”. Em clara postura de rechaço, detona com as afirmações centrais do fundamentalismo. Logo, o capítulo se torna uma espécie de profissão de fé de quem começa se declarando “sou cristão” (p. 27). A novidade está em que, após uma página positiva

em que se reconhece como cristão servidor de sua Igreja, passa a elencar séries de crenças em que afirma “não creio”. Para respigar apenas alguns exemplos: “Não creio que Jesus pudesse ressuscitar os mortos, curar pessoas cuja paralisia já fora diagnosticada pela medicina, restaurar a visão dos cegos de nascença ou daqueles que perderam a visão por outra causa, nem acredito que tenha feito literalmente tudo isso” (p. 28). “Não creio que mulheres são menos humanas nem menos santas que os homens” (p. 29). “Não creio que a Bíblia é a ‘palavra de Deus’ no sentido literal” (p. 30). Após elencar outros exemplos de símbolos bíblicos interpretados literalmente, como o castigo dos egípcios na passagem do Mar Vermelho, ou a parada do sol em Josué, propõe a desconstrução dos mesmos e a tarefa de “separar o essencial daquilo que foi acrescentado, a *experiência de Deus* atemporal das antigas *explicações de Deus* deturpadas pelo tempo” (p. 35).

II. “Os sinais da morte do teísmo”. Demonstra as evidências de que Deus, compreendido teisticamente, está morrendo, ou talvez já esteja morto. O Deus teísta é definido como “um ser com poderes sobrenaturais, que habita fora deste mundo e o invade periodicamente para realizar a vontade divina” (p. 43). Questiona eventos atribuídos a Deus, tais como doenças, tempestades e guerras. Como “manifestações emocionais da morte do Deus teísta” (p. 52) cita os vícios de caféina, álcool, fumo, depressão, suicídio e atos de violência, todos causados, de fato, por seres humanos adultos e conscientes.

III. “Autoconsciência e teísmo: gêmeos siameses no nascimento”. Em determinado momento da história do universo, surgiram os seres humanos, dotados de autoconsciência, isto é, percepção dos limites da vida e da morte. Para dominar essa angústia, passaram a proteger-se em cavernas e a organizar-se em torno a chefes. “Mas o instrumento mais poderoso de todos, que creio ter tido maior importância no estabelecimento dessa transição evolutiva à conscientização, foi o surgimento do conceito teísta de Deus, que deu origem ao que hoje denominamos religião” (p. 62). Essa definição teísta de Deus acompanha a humanidade até os dias atuais, com manifestações de súplicas e louvores, a fim de

dominar a própria histeria e angústia. Com o advento da pós-modernidade, porém, e com as novas descobertas científicas, o conceito teísta de Deus está morrendo.

IV. “Além do teísmo mas não além de Deus”. A morte do teísmo, entretanto, não significa a morte de Deus, mas sim a morte de uma ilusão. Significa, antes, um passo importante em vista do nascimento de uma humanidade nova e mais madura. Os judeus compreenderam isso, quando proibiram criar imagens de Deus e pronunciar o seu nome santo. A Moisés foi permitido ver a Deus apenas pelas costas, ou seja, Deus só pode ser visto a partir de seus vestígios. O novo conceito não teísta de Deus pode ser apresentado com três definições: “Deus é a fonte primordial da vida” (p. 86), “Deus é a fonte primordial do amor” (p. 88), “Deus é o existir – a realidade por trás de tudo o que existe” (p. 89).

V. “O Cristo original: antes da distorção teísta”. “*Jesus compreendido como encarnação dessa divindade teísta é igualmente sem futuro*” (p. 97). Alguns documentos como a fonte Q, o Evangelho de Tomé e as cartas do apóstolo Paulo apresentam Jesus como um sábio, sem histórias miraculosas, sem referências ao nascimento virginal ou à ressurreição física. Com o Evangelho de Marcos tem início a apresentação teísta de Jesus, embora ainda este evangelista não relate o nascimento virginal nem a ressurreição.

VI. “Assistindo à captura do cristianismo pelo teísmo”. Mateus é o primeiro a narrar a história do nascimento de Jesus cheio de eventos miraculosos, bem como a ressurreição cercada de elementos teístas espetaculares. Lucas reforça ainda mais a descrição de Jesus como encarnação do Deus teísta, com a presença física de anjos e do corpo de Jesus ressuscitado. João eleva ao máximo a descrição sobrenatural de Jesus como verbo encarnado, em unidade com o Pai.

VII. “Mudando o mito cristão básico”. Para libertar-se do teísmo, o cristianismo deve retornar ao seu ponto de partida. As novas descobertas da genética dificultam a afirmação do nascimento virginal de Jesus, assim como as provas de Copérnico e Galileu mudaram a concepção da ascensão de Jesus como

subida ao céu, e as pesquisas de Darwin comprovaram que a espécie humana evoluiu e que não houve queda de uma forma de perfeição original.

VIII. “Jesus além da encarnação: uma divindade não teísta”. Na tentativa de captar um novo retrato de Jesus, não teísta, emerge um novo retrato. É um Jesus que aponta para o “reino”, que rompe as barreiras entre judeus e gentios e entre judeus e samaritanos, que supera as distinções de gênero ou de sexo, que abraça leprosos e toca pessoas impuras. Esse Jesus está na base do amor e da existência, embora ele não seja a base do amor e da existência, mas, na sua humanidade, ele é a porta aberta para Deus, a base do amor e da existência.

IX. “O pecado original está fora, a realidade do mal está dentro”. Em resposta à acusação de não ter entendido bem a realidade do mal humano, o autor contrapõe à ideia da queda original a do “produto de uma luta pela sobrevivência que deixou as cicatrizes do egocentrismo emplacadas sobre nossa psique” (p. 176). Esse jogo competitivo da vida explica males como escravidão, guerra e discriminação, dentre outros, além de distúrbios psicológicos, tais como cleptomania, sadismo e agressividade, bem como alcoolismo, debilidades mentais, que constituem o lado sombrio da existência humana.

X. “Além do evangelismo e missão mundial para um universalismo pós-teísta”. Pelo sentimento de incompletude humana, as diversas tradições separatistas e sectárias lançaram-se em esforços missionários fracassados, porque levados pelo interesse em satisfazer o egocentrismo colonialista dos dominadores, ao invés de respeitar os diversos caminhos que levam a Deus.

XI. “Como fica a oração?”. A oração individual não é invocação ao Deus teísta mágico que resolve todos os problemas, mas está mais relacionada com a meditação e contemplação que permitem encontrar a presença de Deus dentro de nós mesmos, para nos tornarmos mais doadores e receptores de amor em todos os nossos relacionamentos.

XII. “A eclesía do amanhã”. Sem transições abruptas, na sonhada eclesía que se delinea para o futuro, haverá lugar para adoração, recitação de nossas histórias sacras, honra da autoconsciência, ritos para celebrar as transições humanas, presença central de Jesus Cristo, refeição compartilhada, liderança leiga e outras.

XIII. “O que importa? A face pública da eclesía”. A mudança do conceito de Deus é importante na medida em que a ação da igreja incidir sobre a melhora na vida das pessoas.

XIV. “A coragem de entrar no futuro”. A opção que resta é mudar ou morrer, com a proposta de realmente mudar, de acordo com a nova proposta. “Só há uma humanidade repleta de Deus, maravilhosamente diversa, que anseia por viver, que é ávida por amar, que ousa existir e que deseja viajar em comunidade para dentro da maravilha e do mistério do Deus que é o próprio existir” (p. 252).

A leitura do livro de Spong, mesmo a partir de uma síntese mínima, permite vislumbrar a amplitude do seu pensamento. E permite perceber, por outro lado, a coerência interna desse pensamento. Se suas ideias questionam, provocam e surpreendem, também são propositivas, estimulantes e futuristas. O livro de Spong é um convite a rever a proposta do cristianismo, libertando-o das cargas teístas acumuladas ao longo dos séculos, em vista de uma nova proposta, coerente com a boa nova de Jesus.

Como declara o próprio Spong, sua trajetória de vida foi de um cristão originalmente tradicionalista para um teólogo de vivência e pensamento liberal. Teve grande influxo, sobre o seu pensamento, o teólogo Paul Tillich, diversas vezes mencionado. Percebe-se, com efeito, em várias passagens, a influência do teólogo do princípio da correlação. Com efeito, o método de Tillich correlaciona fé e cultura, fé e razão, Bíblia e Igreja, Jesus Cristo e Igreja.

De maneira mais direta e imediata, Spong foi influenciado por John Arthur Thomas Robinson, a quem ele credita 50% da presente obra. Concretamente, a

influência direta ocorreu através do livro *Honest to God* (Honestos com Deus), em que Robinson afirma "Nossa imagem de Deus tem de sumir!" (p. 10). A forte oposição sofrida por Robinson não lhe permitira concluir sua obra. Além disso, a trajetória de ambos, Robinson e Spong, foi marcada por controvérsias, sobretudo no campo da sexualidade, e da inclusão de *gays* e lésbicas na igreja.

Cabe perguntar, finalmente, por que um autor tão importante ganhou tão pouca visibilidade no Brasil? Será pela ousadia de suas ideias? Ou será pela polêmica que pode provocar? Ou quem sabe pelo contexto diferente em que ele escreve? Na verdade, a caminhada do cristianismo vivido hoje, no Brasil, encontra muitos passos na contramão da proposta de um cristianismo não teísta, apresentada por Spong.